



Fátima Regina Cecchetto

Violência e estilos de masculinidade

Coordenação da série

Alba Zaluar



O debate contemporâneo sobre a masculinidade

Abordar a masculinidade fora de paradigmas essencialistas tem sido um desafio lançado aos cientistas sociais de várias orientações teóricas. Isto porque, até bem pouco tempo, as diferenças entre homens e mulheres pareciam incontestavelmente inscritas na natureza, isto é, no corpo biológico. No entanto, desde o aparecimento do feminismo moderno na década de 1970, a constatação de que os papéis sexuais (relações de gênero) de homem e de mulher variam de cultura para cultura e de época para época chega a ser um lugar-comum, pois atualmente ninguém (ou quase ninguém) acredita mais que as diferenças de comportamento entre os sexos possam ser explicadas somente em termos de diferenças biológicas. Assim, a masculinidade como algo que parecia “evidente” e, portanto, “inquestionado” tem sido discutida cada vez mais.

De acordo com Miguel Vale de Almeida, sem as discussões produzidas pela teoria feminista na antropologia, o interesse pela masculinidade como objeto de estudo nunca teria sido despertado. Os trabalhos que foram surgindo — a princípio denominados estudos de mulheres e que questionaram o modo como o gênero masculino era politicamente representado — permitiram o exame crítico e a tomada de posição quanto às desigualdades sociais baseadas na diferenciação sexual.³⁵ Tal pro-

³⁵ As monografias pioneiras de Margareth Mead, na década de 1930, tornaram-se a base sobre a qual os pesquisadores se apoiaram para entender a variabilidade dos papéis de gênero, sendo a cultura o ponto de partida no estabelecimento de diferenças sexuais. Posteriormente, entre os anos 1960 e 1980, a teoria crítica feminista trazia a separação conceitual entre sexo e gênero, acrescentando ao debate contemporâneo outro paradigma na interpretação da sexualidade (Almeida, 1995:132).

jeto consistiu numa primeira tentativa de contrabalançar o chamado androcentrismo da antropologia até então realizada, segundo ainda Almeida. Isto parece harmonizar-se com o que Carole Vance diz a respeito do impacto revolucionário que os trabalhos das feministas da década de 1960 exerceram sobre as noções do que era "natural" na vida de homens e mulheres.³⁶ Segundo Vance, autora atenta para o tema da sexualidade e seu debate teórico na antropologia, foi a revisão crítica das teorias que usavam a reprodução para ligar o gênero à sexualidade o que minou as crenças na inevitabilidade e na naturalidade da subordinação das mulheres.³⁷

Seguindo ainda a reflexão contida no artigo citado, a partir dessas práticas — teóricas e militantes — foi possível tanto afirmar a diversidade dos papéis de gênero na sociedade quanto favorecer uma atenção maior aos aspectos ideológicos da ciência que tendiam a uniformizar os atributos associados ao que é ser homem ou mulher baseados na biologia. Em consequência disso, efetuou-se uma investigação de grande alcance sobre a vinculação histórica entre as ideologias de gênero correntes, o desenvolvimento científico ocidental e a dominação masculina. Mais importante para o enfoque aqui pretendido é reter que os modelos essencialistas de pensamento social têm sido desafiados por abordagens que apontam a importância do contexto histórico e cultural no entendimento da questão do gênero. Como afirma Vance, foi a partir do construtivismo social que o gênero pôde ser percebido por meio de significados culturais e das relações de poder que o constroem, rejeitando formas óbvias de essencialismo e universalização.³⁸

No entanto, o conhecimento sobre o gênero masculino ainda se encontra sujeito a explicações conflitantes nas tentativas de teorizações específicas. Almeida, por exemplo, não concede aos estudos masculinos o estatuto de uma área disciplinar destacada da discussão maior

³⁶ De acordo com Michelle Rosaldo, todo sistema social usa fatos de sexo biológico para organizar e explicar os papéis e oportunidades de que os homens e mulheres podem desfrutar, assim como todos os grupos sociais conhecidos apelam para laços biologicamente fundamentados na construção de grupos familiares e de parentesco. Assimetria sexual assim como parentesco parecem existir em todos os lugares, todavia não sem seu constante desafio ou suas quase infinitas variações de conteúdo e forma (Rosaldo, 1995:18).

³⁷ Vance, 1995:10.

³⁸ Ibid., p. 18.

dos estudos de gênero. Todavia, segundo a perspectiva que orienta esta exposição, creio ser possível realizar um pequeno recorte das perspectivas que alguns autores vêm considerando mais promissoras na abordagem da masculinidade. Concordo que o gênero, como estrutura de relações sociais, é o campo sociológico mais abrangente e teoricamente pertinente. Utilizo o conceito de gênero para me referir às construções sociais e psicológicas que se impõem sobre as diferenças biológicas, sem, no entanto, desprezar as conexões com essas diferenças, importantes na vida social dos homens ouvidos nesta pesquisa. Isso não significa, como sugere Heilborn,³⁹ substantivar essa diferença. Todavia, não se trata de realizar uma revisão na produção teórica sobre o gênero. A intenção é levantar alguns temas que me parecem significativos para o estudo das masculinidades.

Assim, optei por analisar parte da produção dos estudos masculinos, da linha norte-americana, os *men's studies*. Antes, porém, vale a pena examinar a contribuição de alguns pesquisadores brasileiros ao debate contemporâneo sobre a masculinidade.

Gênero e masculinidade

O reconhecimento de que ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a examinar a masculinidade é um aspecto ressaltado pelos antropólogos como uma característica da constituição do próprio campo do gênero.⁴⁰ No entanto, uma mudança recente na abordagem da masculinidade é destacada por Heilborn e Sorj, em seu inventário sobre os estudos de gênero no Brasil. As autoras observam que os homens passaram a ser incluídos como uma categoria empírica a ser investigada nesses estudos. Foi favorecida uma abordagem que se concentra mais na estrutura social do que nos indivíduos e seus papéis sociais. Heilborn e Carrara⁴¹ salientam a importância crescente que, nos últimos anos, o tema da

³⁹ Heilborn, 1998, 1999.

⁴⁰ O conceito de gênero passa atualmente por um processo de "desconstrução" na produção de algumas correntes teóricas, que chegam a questionar sua viabilidade como categoria útil para análise. Esse movimento colocou o conceito de gênero "sob ataque". Ver também Fonseca (1998), sobre a estruturação do campo de estudos de gênero no Brasil.

⁴¹ Heilborn & Carrara, 1998.

masculinidade adquiriu no âmbito dos estudos sobre gênero e sexualidade por aqui. Segundo os autores, a motivação principal desses estudos é abordar a masculinidade como área específica de investigação antropológica, fora das interpretações essencialistas sobre o comportamento e valores tidos como inerentes ao corpo e ao mundo masculinos, amplamente naturalizados.⁴² Essas mudanças permitiram criticar a noção de uma masculinidade-padrão como categoria universal óbvia.

Leal e Boff,⁴³ em sua breve retrospectiva da construção dos estudos de gênero e da investigação com homens, refletem sobre a dificuldade de incorporação dos “homens”, quer como seu objeto, quer como sujeito de investigação nesse empreendimento. Afirmam as autoras que ainda hoje temos uma forte concentração dos estudos sobre homens abordando a sexualidade; poucos são os que investigam a violência ou a paternidade. Leal e Boff ressaltam, entretanto, que se o “homem” esteve ausente nesse campo, em contraposição, no âmbito das ciências sociais em geral, nos estudos sobre “cultura popular” e “classe operária”, a presença masculina sempre foi marcante. Por outro lado, a “entrada” dos homens teria ocorrido de maneira mais consistente com os estudos de homossexualidade. Nesse sentido, os trabalhos de Peter Fry⁴⁴ e de Fry e Mac Rae⁴⁵ constituem um marco. Os autores salientam a importância do imaginário social brasileiro com relação à sexualidade masculina. Desde a infância, impõe-se uma série de expectativas sociais a respeito do comportamento considerado apropriado a homens e mulheres, em que as relações sexuais esperadas são heterossexuais. Como demonstra Fry, o uso da categoria homem estaria intimamente ligado ao aspecto de ser “ativo ou passivo”, “penetrar ou ser penetrado”. Nessa lógica, duas categorias emergem: homens e bichas. Homens são idealmente percebidos como “ativos” e, portanto, não são homossexuais. Bichas seriam tipificados como “passivos”, embora parceiros dos ho-

⁴² Os pesquisadores chamam a atenção para a recente preocupação das agências financiadoras internacionais, na área de estudos do gênero masculino, com ênfase nos direitos e papel masculino na reprodução. Os novos investimentos dessas agências estão privilegiando estudos com o propósito de contribuir para o desenvolvimento de programas e políticas públicas (Heilborn & Carrara, 1998:9).

⁴³ Leal & Boff, 1996.

⁴⁴ Fry, 1982.

⁴⁵ Fry & Mac Rae, 1984.

mens na relação. Assim, bichas tornam-se alvo de perseguição e são representados através de modelos de submissão, enquanto os homens seriam os únicos que possuem o privilégio do *status* de macho.⁴⁶

Embora meu foco principal não seja o da sexualidade, essas tipificações são interessantes no sentido de verificar o quanto de hierarquia (ou de uma suposta superioridade) está presente no campo das convenções sociais a respeito da sexualidade masculina.⁴⁷ Em outras palavras, nota-se que, através dos termos “atividade” e “passividade”, encontramos atribuições de dominação e submissão, instaurando uma relação hierárquica: a atividade, o ato de penetrar outro homem, sempre é “apresentada” como uma forma positiva de auto-afirmção masculina e significa poder em relação à passividade.⁴⁸

Essas observações irão apontar para o fato de que não podemos apenas constatar a invisibilidade da masculinidade, já que os homens sempre estiveram presentes nos relatos etnográficos e outros textos antropológicos, mas sim frisar a hegemonia de um certo modo de representação do masculino. Nessa linha, alguns estudos sobre o gênero apresentam uma severa crítica aos fundamentos do fazer político, mostrando que as noções de “universalidade”, “igualdade” e “sujeito de direitos”, como formas socialmente construídas, tomam o homem branco heterossexual como modelo, sendo este considerado uma categoria não marcada por gênero e raça.⁴⁹ Para Parker e Barbosa,⁵⁰ também os movimentos *gay* e lésbico, ao lutarem por sua visibilidade, exigiram novas reflexões sobre os papéis sexuais.

Para Pierre Bourdieu, porém, a questão é mais ampla: ninguém parece questionar a experiência dóxica da dominação masculina que naturaliza a divisão entre os sexos, isto é, as estruturas de dominação, a ordem social masculina, as formas ocultas de violência simbólica, as

⁴⁶ Fry, 1982:90-91.

⁴⁷ A esse respeito, ver também DaMatta (1997) no artigo “Tem pente aí?”, que igualmente problematiza essa temática, assinalando as sutilezas e os problemas de ser homem no Brasil.

⁴⁸ Laura Moutinho, em sua tese de doutorado, seguindo essa lógica explicativa a partir dos trabalhos de Peter Fry, sustenta que esse binômio “atividade/passividade” e seu correlato “dominação/submissão” aludem, na esfera das representações sexuais e eróticas, a outro tipo de relação hierárquica: a da “raça negra” sobre a “branca” (Moutinho, 2001).

⁴⁹ Fonseca, 1998.

⁵⁰ Parker & Barbosa, 1996.

práticas familiares e institucionais que geram um “natural” construído. Na discussão desenvolvida por Bourdieu, a primazia do masculino, marcando assimetricamente a divisão sexual e social tanto no conjunto das práticas sociais como nas percepções e pensamentos a seu respeito, reveste-se de naturalidade e auto-evidência porque é produto de milênios de dominação masculina interiorizada pelos agentes sociais.

Algumas abordagens recentes da masculinidade tiveram como eixo a análise sobre a hegemonia⁵¹ de um conjunto de significados e seus efeitos na maneira pela qual os homens organizam sua vida sexual e reprodutiva. Como observou Garcia, em artigo que tenta mapear o percurso do tema da masculinidade no contexto da sexualidade e da reprodução, a principal contribuição dos trabalhos que buscam “conhecer os homens” está em apresentar os significados dos atos corporais, sexuais e reprodutivos como construções sociais, e não restritos à esfera da biologia.⁵² O foco numa perspectiva histórica e comparativa, examinando as maneiras pelas quais os significados de gênero variam de cultura para cultura e como estes se modificam através do tempo, tem possibilitado desafiar alguns dos modelos essencialistas no entendimento das práticas masculinas em vários domínios.

(5) Ouvir a diversidade das vozes masculinas e atentar para a importância da desconstrução crítica da homologia masculino/público/político, ou seja, de uma masculinidade hegemônica, tem sido a tônica dos trabalhos sobre os homens a partir do enfoque da “construção social da masculinidade”.

Men's studies e a construção social da masculinidade

Embora já houvesse na década de 1970 estudos internacionais sobre a masculinidade, ao longo da década de 1980 emerge, principalmente nos países anglo-saxões, um conjunto de estudos sobre a construção

⁵¹ Hegemonia é um conceito baseado no trabalho do cientista político Antonio Gramsci para analisar as relações das classes sociais. A noção de hegemonia incorpora o campo cultural e o intelectual, implicando uma noção de política mais ampla não confinada ao Estado. O conceito é aplicado por empréstimo nos estudos sobre o gênero nas sociedades ocidentais (ver Almeida, 1995).

⁵² Garcia, 1997:37-38.

social da masculinidade — cujos pesquisadores são homens, presença que se afirma nos trabalhos de gênero dessa época —, com um vínculo explícito com o movimento feminista.⁵³

Carrigan, Connel e Lee, pesquisadores norte-americanos e pioneiros nessa linha de análise, concedem aos estudos feministas o estatuto de modelo paradigmático que forneceu as bases do que veio a ser posteriormente conhecido como estudos masculinos. Para os autores, o caminho aberto pelas lutas travadas pelas mulheres para reverter as tendências sexistas e patriarcais das sociedades não é desprezível na formação do campo dos *men's studies*. Os estudos que argumentam a partir do impacto da chamada segunda onda feminista se colocam dentro de uma perspectiva relacional do gênero, em que a masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente; é histórica, mutável e relacional.⁵⁴

Esta tem sido a tônica de vários trabalhos recentes das décadas de 1980 e 90, sobretudo nos Estados Unidos. Os novos estudos sobre a masculinidade, aliando-se às teorias feministas que romperam com o enfoque rígido e polarizado dos papéis sexuais, destacam que o gênero não compreende a simples dicotomia masculino e feminino; antes, o gênero cruza-se com uma rede de elementos vinculados às estruturas de classe, poder e etnicidade, que estruturam as relações sociais.⁵⁵

Esse novo modelo busca a ruptura com o falso universalismo dos papéis sexuais masculinos, que impossibilitava o entendimento das maneiras como esses papéis se modificam, assim como a construção e a negociação dos significados dependendo do contexto de atuação. Como reconhecem esses autores, há uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidades, cada um deles correspondendo a diferentes inserções dos homens nas áreas da política, da economia e da cultura, entre outras. Muitos desses trabalhos incorporam preocupações pro-

⁵³ Arilha et al., 1998:18-19. Esses autores destacam que essas pesquisas — que em 1979 totalizavam mais de 1.300 títulos, catalogados pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts — podem ser agrupadas em dois blocos: os aliados do feminismo e os estudos autônomos sobre a masculinidade.

⁵⁴ Connel, 1995; Kimmel & Kaufman, 1995; Messner, 1997.

⁵⁵ Connel, 1995; Cornwall & Lindisfarne, 1994.

gramáticas do que fazer para alterar o *status quo* da dominação masculina em vários domínios.⁵⁶

Uma tendência da produção acadêmica dos *men's studies* é a incorporação de diferentes disciplinas acadêmicas, numa variedade de abordagens elaboradas por historiadores, médicos, filósofos e pesquisadores das áreas urbana e das comunicações, conferindo um caráter interdisciplinar a esses trabalhos. Todavia, boa parte da literatura dos *men's studies* traz a marca do paradigma exclusivo do papel sexual, um conceito desenvolvido entre os anos 1930 e 40 e que tinha suas origens nas teorias sociológicas da Escola de Chicago do começo do século.⁵⁷

O conceito de papel sexual passou a ser aplicado por Talcott Parsons às questões de gênero nos anos 1950, pouco antes das discussões desenvolvidas pelo feminismo, quando as relações de poder entre homens e mulheres passaram a ser questionadas de modo específico. Trabalhos posteriores tentaram incorporar pressupostos de outras linhas teóricas, porém os estudos sobre homens são, na maioria, menos contribuições para uma nova ciência da masculinidade que respostas às exigências práticas. Nesse sentido, vale a pena examinar um pouco essa literatura, porque nela estão as principais bases do esquema teórico que tem governado o recente debate sobre a masculinidade.

O papel masculino

Os chamados papéis sexuais ligam-se a um conjunto de valores e atitudes socialmente determinados, correspondentes às representações e expectativas do ser homem e do ser mulher em todas as sociedades. Nesta visão, masculino e feminino permanecem como pontos de referência imutáveis e opostos entre si. Como observaram Ortner e Whitehead, por meio dessa referência, vários outros fatores, como a associação da mulher ao domínio doméstico e do homem ao domínio

⁵⁶ Kimmel & Kaufman, 1995.

⁵⁷ Uma sociologia da masculinidade já existia antes do "paradigma do papel sexual". Grupos específicos de adolescentes e homens adultos, integrantes de gangues, cujo comportamento era percebido como problema social, foram objeto de pesquisas desenvolvidas por Tharsher (1927) e Foot-Whyte (1943). No entanto, estes eram estudos sobre a delinquência e não sobre a masculinidade em si.

público se torna recorrente, alimentando um campo de forças e tensões orientado pelo prestígio.⁵⁸

Para Parsons, por exemplo, a mulher era descrita como mais expressiva ou emocional; os homens, como mais instrumentais ou pragmáticos e racionais.⁵⁹ Nessa visão, trata-se de atribuir características amplas aos indivíduos, estabelecendo previamente o que seja um papel feminino ou um papel masculino. Por meio dessas dicotomias, estabeleceram-se paradigmas fixos e tendencialmente permanentes sobre os indivíduos, sobre seu corpo e preferências sexuais. Outras formas de identidade sexual eram categorias vistas como “residuais”.

A idéia de papel sexual foi objeto de muitas críticas pelo seu compromisso com o legado funcionalista e por ser uma forma de conceber a construção dos gêneros de modo dicotômico, postura que sugeria uma interpretação essencialista de que as noções de ser homem ou ser mulher seriam elaborações ou simples reflexos de dados biológicos. Essa primeira tentativa de desenvolver uma ciência da masculinidade centrada na idéia de papel encontra-se atrelada a uma concepção central de que homem e mulher possuíam uma essência ontologicamente diferente. Para Robert Connel,⁶⁰ isso representou uma tentativa de retorno às teorias evolucionistas do século XIX, em que a ciência sustentava a crença em diferenças inatas entre homens e mulheres.

O longo artigo de Carrigan e outros, em que se propõem as bases para uma nova sociologia da masculinidade, viria a ter grande influência na ruptura com as amplas formulações funcionalistas. Além do am-

⁵⁸ Ortner e Whitehead (1981) buscam rever a oposição natureza e cultura em referência ao domínio público/masculino e ao doméstico/feminino. Para as autoras, a organização do prestígio é a estrutura do domínio social que mais diretamente afeta as construções de gênero e sexualidade. Afirmam igualmente que o prestígio, além dos significados de honra e valor social, se estrutura sob três aspectos. O primeiro refere-se a um conjunto de posições ou níveis que são produto de uma avaliação social; o segundo diz respeito aos mecanismos pelos quais indivíduos ou grupos alcançam determinadas posições; e o último, às condições mais amplas de reprodução do sistema de *status*. A partir desse esquema, utilizam a designação “estruturas de prestígio”.

⁵⁹ No artigo a que me reporto, o termo papel possivelmente incorpora elementos de várias perspectivas teóricas, já que, quando elaborou *Família, socialização e processo de interação*, de 1953, Parsons realizou uma “síntese” entre a teoria do parentesco, psicanálise, socialização e divisão sexual do trabalho. O tema da diferenciação e do aprendizado dos papéis foi o instrumento que possibilitou unir tudo (Carrigan et al., 1985:555).

⁶⁰ Connel, 1995.

justificativa
 plo mapeamento que fazem do campo dos estudos masculinos antes e depois dos *woman's studies*, toda a atenção desses autores se volta para a tentativa de desconstrução crítica dos elementos constitutivos desses papéis, indicando as fragilidades teóricas desse enfoque. Os autores procuram principalmente lembrar a necessidade de uma nova abordagem da masculinidade que possibilite compreender "as experiências concretas dos homens e suas práticas possíveis".⁶¹ Isto porque o paradigma exclusivo do papel sexual simplesmente analisava a aquisição da masculinidade através do aprendizado social em conformidade com normas e modelos, "isolando" papéis, em vez de abordar a dinâmica e as inter-relações entre os gêneros, existentes em todas as esferas da vida social. Nesse sentido, a incorporação de algumas teses da psicanálise freudiana sobre a aquisição de papéis, através da chamada "crise edipiana", foi utilizada como mais um argumento que reforçou a socialização como responsável pela produção das personalidades masculinas e femininas estáveis.⁶²

Esses pesquisadores não se cansam de assinalar, também, que os primeiros estudos sobre homens ignoravam as relações de poder entre os sexos. Assim Carrigan e outros se expressam:

[o papel sexual] reduz o gênero a duas categorias homogêneas, e "carrega" na polarização na percepção das diferenças entre homens e mulheres. Com base nesta dicotomia se oculta a dominação masculina. Um dos efeitos disso é que o exercício do poder nas relações de gênero não é imediatamente evidente nesses estudos.⁶³

int. Uma das conclusões a que os autores chegam é que a ausência das relações de poder nessas análises acabou por legitimar discursos sobre a chamada "crise da masculinidade", isto é, a ênfase num discurso que assinala o desconforto de alguns homens em face dos valores culturais marcados por esquemas muito rígidos. Tais valores prescreviam uma imagem masculina unívoca, associada a posições de poder na política, na produção, na guerra e no esporte. Essa postura mais presente na so-

⁶¹ Carrigan, Connel & Lee, 1985:578.

⁶² Ibid., p. 580.

⁶³ Ibid., p. 559-560.

ciologia americana, de cunho psicologizante, resultou na percepção dos “aspectos problemáticos de ser homem” como algo peculiar às pressões sociais ligadas ao desempenho de papéis num contexto social que estava mudando. No entanto, a idéia do conflito de papéis masculinos (e os chamados “fardos da masculinidade”) já tinha sido claramente formulada no artigo publicado por Helen Hacker, em 1957, cuja preocupação com temas como a ausência do pai, a angústia masculina, a emancipação da mulher e a homossexualidade como um índice da sobrecarga masculina foi, décadas depois, retomada pelo pequeno movimento de liberação masculina surgido nos anos 1970. Esse movimento tentou empreender mudanças nos rígidos padrões de masculinidade tradicionais.

A crise dos papéis masculinos

Segundo Kimmel e Kaufman,⁶⁴ a crise da masculinidade tem suas origens nas transformações globais econômicas e geopolíticas que se abateram sobre os EUA, desde o início do século XX. Tais reestruturações promoveram uma reformulação nas definições tradicionais da masculinidade, sobretudo as que se referiam ao controle masculino sobre o mercado de trabalho e as posições dos homens brancos nesse contexto. Também o avanço dos movimentos feministas e *gays* nos anos 1960, associado ao movimento dos direitos civis, promoveu uma desestabilização na visão dominante de que a arena pública e o mercado de trabalho eram reservas virtuais daquele grupo. A crise dos papéis masculinos pode ser explicada pelo afastamento da maioria dos homens do padrão original percebido e legitimado como socialmente hegemônico. Como nem todos os homens vivem à altura desse modelo de masculinidade, a vontade de libertação do homem do pesado “fardo da virilidade” é considerada o motor da chamada crise da masculinidade.

crise da masculinidade

int.

Esta discussão, segundo os autores, aplica-se especificamente aos Estados Unidos, ao Canadá, à Austrália e a alguns países da Europa ocidental. No contexto da minha pesquisa, cabe dizer, portanto, que a crise da masculinidade não se aplica aos homens latinos. Essa questão, quando aplicada aos homens latinos, pode ser analisada como fazendo parte

⁶⁴ Kimmel & Kaufman, 1995.

do complexo honra e vergonha masculina existente nas sociedades mediterrâneas, cujos valores foram herdados pela sociedade brasileira.⁶⁵

Nesse discurso da crise dos homens norte-americanos, uma vez que poucos conseguem preencher as expectativas sociais, trata-se de entender as demandas e os conflitos suscitados pela contradição entre a imagem do macho hegemônico e as reais condições de vida dos homens, incluindo os “distúrbios” da sexualidade. Os homens homossexuais, por exemplo, foram vistos como *outsiders* em relação aos padrões estáveis dos sexos. Várias foram as abordagens que surgiram nessa linha interpretativa para expressar a masculinidade como “um difícil e pesado fenômeno”, sem, no entanto, abandonar o paradigma positivista do papel.

Alguns escritos encorajavam o “abandono dos papéis masculinos opressivos”, apostando na mudança dos “carvalhos duros” (*sturdy oaks*),⁶⁶ um clichê utilizado para falar das características dominantes da masculinidade americana: poder, fama e ocultação das emoções. Essas formulações criticavam os estereótipos sobre a masculinidade que exageravam na imagem de autonomia, autocontrole, força e agressividade.

Livros com títulos anedóticos, como *Cuidado, o papel sexual masculino pode ser prejudicial à sua saúde* e *O macho inexpressivo*, deram o tom autobiográfico das obras da época. Grupos de terapia, auto-ajuda e discussão política foram as estratégias de ocasião para estimular os homens a seguir outra versão de masculinidade. A isso se denominou *men's movement*, que, segundo observou Connel,⁶⁷ teve como autor promissor Joseph Pleck, cujo trabalho *Men's power with women, other men, and society: a men's movement analysis*, no final dos anos 1970, admitia pela primeira vez a idéia do poder como elemento constitutivo das relações entre os gêneros, embora continuasse a contrastar papéis tradicionais e modernos.

Assim, a figura do “novo homem” foi tomada como um modelo alternativo e de contestação ao esquema rígido dos papéis.⁶⁸ No entanto,

⁶⁵ Para a análise sobre o complexo de honra e vergonha nas sociedades mediterrâneas, ver Pitt-Rivers (1969).

⁶⁶ Essa expressão foi originalmente cunhada pela feminista Helen Hacker em um artigo intitulado “The new burdens of masculinity”, publicado em 1957 (Carrigan et al., 1985:560).

⁶⁷ Connel, 1995.

⁶⁸ *Ibid.*

o equacionamento das opressões e a presumida reciprocidade entre a subordinação da mulher e a hierarquia de opressão dos homens, incluindo homossexuais e negros, eram vistos com desconfiança pelo movimento feminista, como mais uma maneira de os integrantes desse movimento, aparentemente de cara nova, ocultarem a percepção da desigualdade entre os sexos, com clara desvantagem para as mulheres.

Neste sentido, emerge no contexto dos *men's studies* a noção de masculinidade hegemônica como alternativa para se examinarem as relações de poder entre os sexos. A masculinidade hegemônica é definida como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados ou inferiores. Isso abre caminho para uma abordagem mais dinâmica da masculinidade: a divisão crucial entre uma masculinidade hegemônica e várias subordinadas que lhe servem de contraponto e antiparadigma.

Ⓢ masculinidade hegemônica

Numa análise recente sobre “os discursos da masculinidade”, Oliveira⁶⁹ observa que, com a incorporação do legado funcionalista nos primeiros estudos masculinos, obliterou-se a estrutura de poder, o que permitiu reproduzir situações onde as clivagens favoreceram a legitimação das iniquidades. Para o autor, engendrou-se um modo de análise da masculinidade em que se responsabilizam as estruturas pelas desigualdades, eximindo as responsabilidades individuais da manutenção dessa mesma estrutura. No entanto, a “verdadeira” contribuição para os estudos masculinos foi proveniente do movimento *gay*, que lançou uma luz sobre o modo como o desejo das pessoas pode estar “organizado” em contraste com as determinações biológicas.

Um novo modelo de estudo das masculinidades

Em trabalho recente, Robert Connel⁷⁰ faz uma análise mais dinâmica da masculinidade, apoiando-se nos subsídios da psicanálise, da sociologia e da antropologia cultural, de modo a romper com o modelo positivista de ciência das pesquisas que buscam nos múltiplos casos generalizações culturais sobre os gêneros.

⁶⁹ Oliveira, 1998.

⁷⁰ Connel, 1995.

Uma de suas contribuições é considerar a masculinidade “configurações de práticas”. O termo configurações de práticas é empregado por Connel para examinar como, entre diversos modelos de masculinidade disponíveis, alguns são mais valorizados e exaltados, enquanto outros são desprezados e subordinados, num mesmo contexto. Connel está interessado no processo de configuração de práticas como algo dinâmico por meio do qual possamos compreender a masculinidade como um “projeto de gênero”. Isso porque, para o autor, o gênero é visto como uma forma de estruturação das práticas sociais em geral, sendo sua ordenação necessariamente vinculada a outras estruturas sociais, como raça, classe, etnia, nacionalidade e posição na ordem mundial

Connell
configurações
de práticas

Assim, a proposta é de interconexão entre estrutura e prática, salientando o contínuo entrelaçamento entre a vida pessoal e a estrutura social. Nesse sentido, as estruturas sociais estão configuradas através de práticas sexuais ou reprodutivas, não determinadas por uma base biológica, mas por processos históricos. Assim, essa nova abordagem preconiza o estabelecimento de uma conexão entre os estudos da masculinidade e estratégias de mudança, focalizando a vida cotidiana como uma “arena” onde se travam as disputas de gênero.

Além de admitir essa demanda pela prática, o texto de Connel apresenta um esquema para analisar a construção das masculinidades. Para o autor, o exame das hierarquias que se estabelecem entre os homens é um procedimento teórico adequado para a investigação dinâmica da masculinidade. Nesse esquema, ele sugere que as relações podem ser de hegemonia, aliança e marginalização. Isso permitiria compreender como ocorre a sociodinâmica das masculinidades, não só entre os heterossexuais e os homossexuais, mas também em relação a outros homens, segundo os padrões nas sociedades ocidentais, excluídos do círculo de legitimidade. O ponto mais interessante a examinar é a “política interna do gênero”, uma forma de abordar as relações internas (e de poder) entre as masculinidades, que representa um avanço em relação ao paradigma dos papéis sexuais, em que a masculinidade era apenas uma “idéia na cabeça” de cada homem.⁷¹

Tudo indica que o intuito é superar a camisa-de-força representada pela idéia de uma masculinidade como objeto de conhecimento es-

⁷¹ Connel, 1995:29.

tável, ou seja, uma tipificação. Aqui se configuraria o modelo seguido por algumas das etnografias clássicas que descrevem cultos e códigos masculinos dos povos mediterrâneos, como *Manhood in the making*, de David Gilmore.⁷² O perigo de tal modelo, Connel não deixa de realçar, é que a dimensão histórica da ação e da luta social se tornam aspectos irrelevantes, e a concepção convencional de heterossexualidade masculina é mantida.

Ainda sob esse aspecto, examinar as relações entre as masculinidades fornece um esquema de referência através do qual é possível analisar masculinidades específicas, sem cair em tipos fixos, como “masculinidade negra” ou “masculinidade das classes populares”, mas entendê-las como configurações específicas de práticas constituídas em situações particulares e mutáveis.

Masculinidades hegemônicas e subordinadas

Outro conjunto de idéias dos novos estudos é a discussão sobre a criação simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas, ou seja, sobre o modo como um modelo promove o outro. Este é o enfoque de Michael Kimmel,⁷³ que descreve alguns modelos de masculinidade concretizados nos Estados Unidos e na Europa desde o final do século XVII.

Kimmel tenta mapear os modos pelos quais os tipos de masculinidade hegemônica foram construídos, constituindo um campo de poder. Isso ocorre mediante a estigmatização da diferença de outras identidades de gênero. Em primeiro lugar, ele destaca o patriarca gentil e o artesão heróico, modelos que viviam em acordo relativamente pacífico nos Estados Unidos. O patriarca gentil era um homem refinado, cordial e elegante, que passava muito tempo com a família e cuidando de seus domínios ligados à posse da terra. Em contraste, havia o modelo do artesão heróico, uma criação da aristocracia rural européia, cuja virtude viria da dedicação ao trabalho. Este incorporava a força física, mas se apresentava ainda como pai devoto.

⁷² Herdt, 1981; Gilmore, 1990.

⁷³ Kimmel, 1998.

Na primeira metade do século XIX, outro modelo emergiu: o homem de negócios, uma espécie de *self-made man*, cuja masculinidade deveria ser demonstrada e provada no mercado. Segundo o autor, essa masculinidade foi incitada por uma ideologia de mobilidade ascendente que requeria provas constantes, sendo a aquisição de bens uma evidência de seu sucesso. O afastamento dos lares para a devoção ao ambiente, assim como a competição homossocial,⁷⁴ foi o preço pago para a manutenção desse modelo de masculinidade. O homem de negócios, segundo Kimmel, desmontou os dois modelos precedentes. Opunha-se ao mesmo tempo ao trabalhador comum, desvalorizado por ser apenas uma mão-de-obra barata, e ao estilo gentil do patriarca, uma espécie de “bichinha”, acusado de ser destituído do vigor másculo apregoado para o “verdadeiro homem”, segundo a galeria de tipos masculinos criados pela nação americana. A masculinidade dos “homens que se fazem” deveria ser provada constantemente; ela era inerentemente instável e difícil de ser atingida, assumindo características de um “esporte”, afirma Kimmel.⁷⁵

⑦ O mais importante é perceber as relações de poder ou prestígio, na constituição desses modelos hegemônicos e subordinados; isto é, o ideal hegemônico criado num contexto de oposição a “outros”, cuja masculinidade era desvalorizada. Desse modo, é sobre a emasculação de outros que se constrói um tipo de masculinidade hegemônica. Na tentativa de se conferirem uma masculinidade socialmente valorizada, certos grupos masculinos negam outras versões de homem, transformando-as em duvidosas e desprezíveis.

Segundo Kimmel, o desafio à concepção de masculinidade hegemônica surgiu de homens cujas masculinidades são vistas como desviantes: os homens negros e os homens homossexuais, que desde a virada de século têm fornecido visões clássicas de identidade de gênero subalterna. Eles foram vistos como antiparadigmas contra os quais os homens brancos projetaram suas ansiedades de gênero. Assim, a definição da masculinidade é um procedimento político: envolve a cria-

⁷⁴ Termo utilizado pela antropóloga Eve Kosofsky Sedgwick (citado em Gutmann, 1999) para nomear e articular as práticas sociais intragênero que ocorrem em espaços eminentemente masculinos, como os vínculos afetivos e a amizade, por um lado, e a competição e rivalidade, por outro.

⁷⁵ Kimmel, 1998:11.

ção de outros, que sirvam como pano de fundo contra o qual se constrói a visão da hegemonia por oposição à subalternidade.⁷⁶ O homem branco, por exemplo, não questiona o tempo todo sua masculinidade. As estruturas de prestígio vigentes nas sociedades em relação ao homem branco lhe confeririam o privilégio da invisibilidade em relação a outros grupos.

Mas importante é perceber que o modelo de masculinidade hegemônica é um modelo ideal, dificilmente seguido por todos os homens, mas que tem ascendência sobre os outros modelos. Ainda que não seja o único, é ele que se impõe e estabelece relações de várias ordens com os modelos alternativos. Uma maneira de definir o conceito de masculinidade hegemônica é contrastá-lo com as percepções de masculinidade vistas como concorrentes ou alternativas. Especificamente, sem a definição das masculinidades subordinadas, a definição de masculinidade hegemônica permanece incompleta.

A hegemonia é sempre um processo histórico, e não apenas um conjunto de circunstâncias em que o poder é obtido ou perdido, mas ela forma os próprios grupos ou participa da construção dos grupos. Para entender os diferentes tipos de demanda das masculinidades, é fundamental o exame das práticas nas quais a hegemonia é constituída ou contestada.

Um aspecto dessa masculinidade hegemônica, além de sua conexão com a dominação, é ser heterossexual. O aparecimento de alguns tipos de masculinidades subordinadas é parte da sutil e intrincada luta pela permanência de um tipo hegemônico de masculinidade. Para entender essa luta, é necessário verificar como ocorrem a legitimação e a reprodução das relações sociais que produzem tal dominância e que perpetuam a hegemonia.

O levantamento feito por Carrigan e outros indica que foram os homens e mulheres homossexuais que introduziram nas reflexões sobre o gênero um questionamento mais severo sobre a norma heterossexual como valor. Isso, em primeiro lugar, tornou clara a realidade do poder dos homens sobre as mulheres, subsumido na visão já descrita dos papéis que teimava em assinalar a complementaridade entre os sexos e negligenciava a dominação masculina. Além disso, desatrelou

⁷⁶ Kimmel, 1987:17.

os termos identidade sexual e gênero, indicando recortes tanto nas masculinidades quanto nas feminilidades.

Esses recortes passaram a ser elementos centrais a serem examinados a respeito da chamada dominação masculina e como esta se desenvolve nas interações sociais. Além de relativizar a noção de masculinidade heterossexual, os homossexuais declararam que o real problema era a definição rígida de masculinidade: o que devia “mudar” era a sociedade, e não eles. Essa dinâmica interna na organização da masculinidade é um campo de política, ou domínio das relações de poder.

Mas a masculinidade homossexual não é a única a se posicionar de maneira subordinada na ordenação ocidental de gênero. Alguns heterossexuais são excluídos do círculo de legitimidade conforme a posição que ocupam na estrutura social e econômica. Como lembra Almeida, as masculinidades são construídas tanto pelas relações de poder como pela inter-relação com a divisão do trabalho e os padrões de ligação emocional.⁷⁷ Pode-se pensar em várias masculinidades heterossexuais subordinadas, coexistindo no mesmo contexto daquelas percebidas como hegemônicas, como imigrantes europeus e homens de outras etnias. No entanto, a clivagem entre hetero/homo ainda age como símbolo central em todos os domínios da masculinidade, definindo o homem homossexual dentro dos padrões patriarcais, isto é, condensando-o em uma gramática ativos/passivos, como demonstrou Peter Fry.⁷⁸

Outras palavras sobre a masculinidade

Corwall e Lindisfarne, autoras afeitas às abordagens designadas como pós-modernas, desconfiam da efetividade da alteração dos modelos hegemônicos. Isto porque muitos homens e mulheres estabelecem relações de cumplicidade com o projeto hegemônico. A produção de formas de masculinidade hábeis para se adaptarem às novas condições, mas suficientemente similares às velhas formas, para manter a família, a heterossexualidade, as relações capitalistas de trabalho e o poder na-

⁷⁷ Almeida, 1995:150.

⁷⁸ Fry, 1982.

conta principalmente o grau de variabilidade individual das identidades masculinas ao longo do ciclo vital, os contextos de referência ou modalidades transitórias de expressão cultural da masculinidade e os critérios através dos quais os homens se distinguem uns dos outros. Esse modo mais fluido e situacional deslocaria o uso desse discurso tipicamente hegemônico, permitindo explorar como as várias masculinidades hegemônicas e variantes são definidas e redefinidas na interação social.

Tanto a perspectiva de Connel quanto a de Cornwall e Lindisfarne apresentam contribuições interessantes para a investigação das masculinidades. Assim, alguns dos procedimentos analíticos anteriormente sugeridos foram incorporados a este estudo, como se verá a seguir.

Importante, entretanto, é reter que, nos estudos contemporâneos de masculinidade, não se busca mais uma explicação segundo os paradigmas positivistas dos papéis sociais, nem das determinações biológicas que assinalam a continuidade entre o orgânico e social, que fazem dos homens e mulheres meros fantoches do aspecto biológico. Antes, opta-se pela abordagem relacional, na qual um conjunto de fatores, como raça, classe e idade, se entrecruza numa cadeia formando configurações. A incorporação das dimensões raça, etnia, orientação sexual, classe social e geração, entre outras, é vista como uma evolução no debate, possibilitando uma compreensão mais ampla da temática e da diversidade das masculinidades. Para cada contexto sociocultural, elegemos modelos de homem aceitáveis e valorizados, assim como aqueles desprezados. Desse modo, é preciso entender os processos que levam a uma configuração específica da masculinidade e suas relações com outras, para um entendimento menos retórico da masculinidade.

Nesse sentido, as práticas masculinas e os significados a elas atribuídos, na interação, podem ser tomados como os eixos norteadores na investigação dos critérios e valores que compõem o que seja o "ser homem", e foram os motivos que me levaram a pesquisar a construção da masculinidade em três grupos — os integrantes das galeras *funk*, os lutadores de jiu-jítsu e os frequentadores de bailes charme. Em muitas expressões de uso corrente ou modos metonímicos de representação da masculinidade que encontrei nesses grupos, podem ser identificados aspectos dessa relação entre práticas e significados. Nos capítulos

subseqüentes, discorrerei mais sobre os estilos; a seguir, apresento algumas dessas expressões ou noções de masculinidade.

No termo “disposição” entre os funqueiros, aplicado a um homem que apresente um desempenho violento nas rixas dos bailes, se evidencia o uso da força física e de armas de fogo. Esse termo é muito utilizado em oposição a outros modelos de masculinidade, como os “buchas” e/ou “os pilhas fracas”. Obviamente, a “disposição” contém em si um signo da virilidade — “disposição” é atividade, “bucha” é o “outro”, dominado (a ser morto). Que disposição é essa? Disposição para matar e para enfrentar os perigos de maneira agressiva. Outro termo utilizado pelos funqueiros é *playboy*, para aludir aos homens de camadas médias, aos quais negam a mesma “disposição” e o mesmo valor na hierarquia da masculinidade, num jogo intrincado de prestígio e de estigma. O *playboy* é o “branco” que não mora em favelas/comunidades, mas também frequenta o baile *funk*. Essa atribuição negativa, digamos, da masculinidade do *playboy* pode denotar uma tentativa de manter sob controle um território (baile) em que a presença do “negro/mestiço” e morador em comunidades é hegemônica. Não por acaso, assistimos a uma espécie de corrida dos jovens das camadas médias para as academias de luta marcial, em busca desses bens corporais.

Outra expressão é “casca-grossa”, que se refere ao praticante de jiu-jítsu cuja superioridade decorre da resistência física e do domínio das técnicas de luta. Já o *pit boy* seria uma outra versão: ele se aproxima do funqueiro na valorização da força física e na exibição de um etos violento na interação social.

Já ser “elegante”, uma expressão encontrada entre os homens negros no lazer do baile charme, denota menos atributos ligados a uma estética visual, que o empenho em desfazer caracteres ligados à força bruta e a comportamentos considerados estigmatizantes, como os dos funqueiros e de seus bailes.

Para cada uma dessas expressões encontram-se pares opostos e intermediários, ligados mais ou menos à corporalidade, criando distinções hierárquicas entre os homens. Dessa forma, pode ser notada a associação entre corpo e masculinidade, como uma instância privilegiada para entender os significados do ser homem nesses grupos. Nesse sentido, abordo no capítulo a seguir o tema do corpo, fundamental para a discussão sobre a masculinidade aqui pretendida.

Conclusão

O debate contemporâneo sobre a masculinidade é amplo e os autores apresentados neste capítulo servem apenas como um ponto de partida, não sendo uma revisão abrangente. Pretendi assinalar uma pequena parte da produção acadêmica que se dedicou a empreender um outro enfoque no estudo das masculinidades. Neste novo enfoque, mais importante é reconhecer os modos múltiplos de falar sobre a masculinidade, assinalando seus significados plurais, variáveis, construídos por diferentes grupos em diferentes momentos.

Para usar a definição de Connel e de outros, as masculinidades devem ser encaradas como configurações de práticas, ou seja, como um conjunto de representações e valores que surgem ou desaparecem ao longo do tempo. Nesse sentido, não basta apenas falar de uma masculinidade hegemônica, mas das masculinidades periféricas e/ou variantes. Assim, enfatizar o caráter interativo e construído dos significados da masculinidade implica um outro ponto, diferente do que apregoava a teoria dos papéis sexuais: nem todas as masculinidades são criadas igualmente, ou seja, os significados das masculinidades variam de cultura para cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam de homem para homem e no curso de uma vida.

Por outro lado, a questão da “desconstrução das noções ocidentais de masculinidade”, eixo norteador da investigação atual da masculinidade, não será discutida aqui. Isso não significa dizer que os significados de masculinidade não serão analisados como categorias “situacionais” ou “contingências”. Embora a “desconstrução” não seja o foco da minha análise, isso não quer dizer que não fique atenta aos mecanismos que atrelam homens, masculinidades e poder. Desse modo, mais que falar de desconstrução da masculinidade, deve-se ressaltar a forma como elas estão em interação e em constante interconexão.